

Educomunicação e mediação tecnológica: colocações conceituais para refletir sobre a possibilidade da prática educacional em ambiências eclesiais

Maria Antonia Vieira SOARES¹
Rosa Malena PIGNATARI²

A educomunicação é um campo de estudos interdisciplinar que integra Comunicação e Educação e também surge como um campo de síntese dialética entre a Pedagogia e a Comunicação. Segundo Ismar Soares (2007), professor e coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE)³, o campo da Educomunicação é compreendido como um novo gerenciamento, aberto e rico, dos processos comunicativos dentro do espaço educacional e de seu relacionamento com a sociedade. Há ainda um terceiro termo proveniente da união entre educação e comunicação: a ação. É a ação, é a participação que de fato contribui para a abertura de caminhos em direção a construção da cidadania e da intervenção na área de políticas públicas. Logo, a educomunicação também “é um conjunto de ações que visam criar ecossistemas comunicativos, viabilizados pelas tecnologias da comunicação e voltados para a prática da cidadania”⁴. Trata-se de uma “educação voltada para que as pessoas possam entender o mundo e serem ativas na construção da cidadania como preconizou Paulo Freire⁵”.

Ecossistemas comunicativos é um conceito vinculado a área de gestão da comunicação no espaço educativo (planejamento, execução e realização) e designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional⁶. De forma global, configura as teias de relações das pessoas que convivem nos espaços onde esses conjuntos de ações são implementadas (Soares, 2011, p. 37). Reflete uma meta conceitual e prática à medida que ilumina as ações que vão sendo planejadas e revistas envolvendo o cotidiano escolar.

Embora as colocações acima revelem de início um tripé onde comunicação, educação e ação (cidadania) sejam forças presentes, a trajetória conceitual do campo reserva um processo de entendimentos variados. O termo educomunicação era usado para identificar uma área chamada “Educação para a Comunicação”, isto é, a educação para a formação do chamado senso crítico frente à mídia, especialmente frente à televisão e, mais recentemente na

¹ Professora Doutora em Sociologia do Departamento de Ciências Humanas da Unesp – FAAC – Bauru, SP.

² Mestre em Comunicação Midiática pela Unesp – FAAC – Bauru, SP.

³ O que caracteriza o Núcleo é a dinâmica da pesquisa-ação, da pesquisa participativa, o que significa produzir pesquisa para devolvê-la imediatamente à sociedade por meio de assessorias e projetos de intervenção social (Ivo, 2005, p.403). O NCE-USP, em atividade desde 1996, é considerado um dos mais relevantes na análise, produção, divulgação e aplicabilidade de pesquisas e trabalhos científicos sobre o assunto.

⁴ <http://aprendiz.uol.com.br/content/jjligukes.mmp>

⁵ <http://aprendiz.uol.com.br/content/jjligukes.mmp>

⁶ Exemplificando: a família, a comunidade educativa ou uma emissora de rádio criam, respectivamente, ecossistemas comunicacionais. Os indivíduos e as instituições podem pertencer e atuar, simultaneamente, em distintos ecossistemas comunicacionais, uns exercendo influências sobre os outros. A gestão da comunicação nos espaços educativos produz tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais, quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não-formais de educação, como nas emissoras de rádio e de televisão educativas, nas editoras e centros produtores de material didático, nas instituições que administram programas de educação à distância e nos centros culturais (Soares, 2000, p.22 e 23).

história, frente a *world wide web*. Dessa maneira, o conceito educomunicação significou, durante um tempo, *educação para a mídia*. Entretanto, pesquisas comandadas pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP apontaram a existência de uma nova realidade representada pelas Organizações Não-Governamentais (ONGs) que desvela a utilização, desde os anos 70, da comunicação de forma alternativa, ou seja, para colocar temas relativos a problemas sociais em debates e não somente para atender demandas de mercado.

O desenvolvimento dos usos alternativos da comunicação por parte das ONGs trouxe também uma atmosfera de rejeição tanto na área de educação quanto da comunicação. Enquanto o estranhamento na educação se refletia em comentários do tipo “isso aí é educação popular, não é educação formal, não é também escola”, alguns comunicólogos diziam: “Isso aí é coisa de gente que gosta de pobre (*sic*), que gosta de temas que não são os temas do mercado, do entretenimento”⁷. O que se percebe é uma desconfiança por parte das escolas e evidentemente de alguns educadores sobre a abordagem. Porém, também é possível perceber uma transição dessa desconfiança para o envolvimento, em especial quando os educadores compreendem como se dá o processo educacional e a receptividade entre crianças e adolescentes.

O conceito educomunicação não é visto com tamanha naturalidade no processo educativo exatamente porque a educação muitas vezes ensina que comunicação escolar é feita expressamente a partir da escrita, do livro didático ou da palavra do professor. O “audiovisual, por exemplo, e mais recentemente, a informática são tidos pela educação como complemento, algo que vem ajudar se, e somente se, o professor achar interessante”⁸. O próprio Governo Federal quando criou a TV Escola em 1995 assistiu reações avaliativas negativas no sentido de que o sistema de educação brasileiro não absorveu a proposta. Passados mais de quinze anos, esse canal de televisão ainda está lutando para se firmar como alternativa no trabalho dos educadores. Com isso, não se trata de dizer que a resistência dos educadores está no uso das novas tecnologias, mas a resistência está na maneira como a educomunicação pretende usar essas tecnologias.

A busca do diálogo entre comunicação e educação nos remete também ao livro *Educomunicação: o conceito, o profissional e a aplicação*, de Ismar de Oliveira Soares, considerado referência na legitimação do campo de estudos e usado a seguir de forma extensiva. Vale salientar ainda que a obra trata-se de uma síntese parcial para atender uma demanda específica: o debate em torno da relação entre juventude, educação e práticas educacionais, preocupando-se com o exercício profissional do educador no espaço do ensino básico. É importante esclarecer que o livro não aborda o trabalho do novo profissional (educador) frente às organizações do terceiro setor e junto à mídia.

Desde que o termo Educomunicação surgiu em 1999 publicado na Revista *Contato*, em Brasília, para designar um campo de intervenção social emergiu também o desafio de aclarar os diferentes componentes do conceito. Na esteira desse ideal, a revista *Comunicação & Educação*⁹, em 2000, publicou o primeiro texto da série conceitual num artigo intitulado “Educomunicação: um campo de mediações”. Neste artigo, fica evidenciado que a educomunicação não se trata apenas de uma nova disciplina a ser acrescentada nos currículos escolares, ao contrário, inaugura um novo paradigma discursivo transversal, constituído por

⁷ <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/ismar-soares-define-o-conceito-de-educacao>

⁸ Idem.

⁹ Muito embora o referido artigo marca o objetivo de elucidar os distintos aspectos do conceito, a edição número um (01) da revista, datada de setembro/dezembro de 1994, já ecoava a disposição em oferecer instrumentos para a compreensão dos mecanismos utilizados pelos meios de comunicação ao “editar o mundo” e a importância da formação de um receptor crítico, permitindo-lhe o exercício da cidadania.

conceitos transdisciplinares. O novo campo que possui uma natureza relacional compõe-se de uma maneira processual, midiática, transdisciplinar e interdiscursiva, fundamentalmente vivenciado na prática dos atores sociais, por meio de áreas concretas de intervenção social. O que significa dizer que é o diálogo com os outros discursos que garante a sobrevivência do novo campo e de cada uma das áreas de intervenção e vai permitindo, ao mesmo tempo, a construção de sua especificidade.

Nesse cenário, a alteridade é o âmbito constitutivo de vozes que polemizam, dialogam ou se complementam. Observando ainda a questão da alteridade, salienta-se que a explicitação das teorias das mediações, especialmente por Jesus Martín Barbero, proporcionou uma visão mais lúcida do processo de recepção, promovendo importante mudança na pedagogia da educação para os meios. O que o novo campo quer discutir na perspectiva desse receptor crítico é o inegável: os atuais e os vindouros paradigmas da educação em seu confronto/associação com o mundo da informação e sobre o papel do professor/instrutor nesta revolução tecnológica. E para muitos especialistas, a questão-chave não está nas tecnologias, mas no próprio modelo de comunicação adotado.

Essa interrelação entre comunicação e educação não é tão evidente como se imagina. Isso porque, a história ensina que tanto a educação quanto a comunicação, ao serem instituídas pela racionalidade moderna, tiveram seus campos de atuação delimitados no contexto do imaginário social como espaços independentes, desempenhando funções específicas: a educação governando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação responsabilizando-se pela propagação das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade (Soares, 2000). Todavia, no universo latino-americano certa aproximação foi constatada graças à contribuição teórico-prática de filósofos da educação como Célestin Freinet e Paulo Freire ou filósofos da comunicação como o próprio Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún. Contribuíram também para esta aproximação o avanço tecnológico e a diminuição dos custos dos equipamentos, motivando grupos ativos e organizados de especialistas a iniciarem um irreversível processo de aproximação entre estes dois campos.

Nesse diálogo entre comunicação e educação, Paulo Freire é visto como um dos precursores dessa interrelação no cenário latino-americano. Em um de seus clássicos *Extensão ou Comunicação?*, o educador coloca a comunicação como um componente do processo educativo, afastando a ótica puramente instrumental da tecnologia comunicativa e informativa. Sob esta perspectiva, a comunicação passa a ser vista como relação, como modo dialógico de interação do agir educomunicativo. Para Freire não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: a cognoscitiva e a comunicativa. Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas de estar ciente de que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar *pela* comunicação e não *para* a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo. Os espaços do contexto entre Comunicação e Educação são vistos, nesse sentido, como estando em relação e não como uma área que deva ter seu objeto disputado.

A educomunicação, portanto, não diz respeito imediata ou especificamente à educação formal nem é sinônimo de Tecnologias da Educação (TE) ou de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), mas se apresenta como um espaço privilegiado de aprendizagem a respeito dos benefícios da adoção do conceito. Em relação às tecnologias, o que torna relevante não é a ferramenta em si, mas o tipo de mediação que pode favorecer para a ampliação de diálogos sociais e educativos. Trata-se da tecnologia usada para a consolidação da educomunicação como eixo transversal ao currículo, trazendo para o Ensino Médio, por

exemplo, a perspectiva da educação como uma mediadora importante para o confronto analítico e prático com a vida, para convivências saudáveis, para a construção da democracia, da valorização dos sujeitos, da criatividade e identificar para que serve o conjunto dos conhecimentos compartilhados.

Práticas educacionais

O *Educom.rádio- Educação nas Ondas do Rádio*¹⁰ é uma experiência educacional no âmbito do ensino fundamental e médio desenvolvida pelo NCE-USP em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e, do qual, acredita-se que também pode ser implementado em ambiente eclesiais. O projeto que permanece em vigor, despendeu para sua execução 7 semestres entre os anos de 2001 e 2004, atendendo 12 mil professores, alunos e membros das comunidades educativas de 455 escolas da rede pública municipal paulistana, especificamente do ensino fundamental.

Com a finalidade de combater um problema específico nas escolas, isto é, a questão da violência e conseqüentemente favorecer uma cultura de paz, o *Educom. Rádio* nasceu para colaborar com o Projeto Vida na construção de ambientes educativos mais adequados a convivência humana. Professores e alunos trabalham de forma solidária e integrados às práticas curriculares, conformando uma pedagogia colaborativa e dialógica, propiciando uma melhora na compreensão e na aprendizagem das várias linguagens próprias da sociedade da informação, conforme recomenda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os parâmetros curriculares. O curso desenvolvido pelo projeto *Educom.rádio* tem duração de três anos e meio e conta com uma equipe de formadores composta por 200 especialistas formados pelo NCE.

Em decorrência do curso, cada uma das 455 escolas envolvidas recebeu um *kit* de produção radiofônica que permitia a montagem de um pequeno estúdio dotado de antena transmissora em condições de cobrir uma área entre 200 a 300 metros de raio, atingindo caixas receptores móveis. Além de favorecer o domínio da operação técnica dos aparelhos, o projeto “contribui para a melhoria das relações entre professores e alunos, reduz índices de violência...motiva à solidariedade na busca de metas comuns...e é este último resultado que define a efetiva natureza educacional da experiência”. (Soares, 2011, p.38 e 39). É um projeto que propicia uma revisão das relações de comunicação no ambiente escolar, no sentido de buscar transformar e recriar seu ecossistema comunicativo. Ao implementar a proposta, a própria comunidade educativa é desafiada a estabelecer suas metas: permitir, manter ou ir ampliando pequenos projetos voltados a produção radiofônica, repensando as programações.

A experiência educacional mencionada do *Educom.rádio* juntamente com outros Projetos de Extensão que foram sendo desenvolvidos como o *Educom. TV*¹¹ (curso de Aperfeiçoamento sobre a Linguagem Audiovisual na Escola), *Tôdeolho.tv*¹² (exercitar um olhar diferenciado frente à programação televisiva), *Educom.mídia, Imprensa Jovem* favoreceram em 28 de dezembro de 2004 a prefeita Marta Suplicy sancionar a *Lei Educom*, definindo o conceito de educação como política pública no município de São Paulo. A lei foi regulamentada em agosto de 2005 por José Serra e, em dezembro de 2009, o secretário Alexandre Schneider aprovou portaria orientando a implementação de projetos educacionais nas escolas do município e contratando uma equipe de especialistas para formar 900 professores educadores.

Mediação tecnológica: as mídias sociais

¹⁰ www.educomradio.com.br

¹¹ www.usp.br/educmtv

¹² www.usp.br/todeolho

De acordo com pesquisa empreendida pelo IAB Brasil – Interactive Advertising Bureau¹³ e IBOPE Nielsen Online, em janeiro de 2010, a população brasileira de internautas passou mais de 45 horas online, demonstrando um nível de engajamento na rede maior que europeus e norte-americanos¹⁴. Domicílios e “locais públicos pagos” são, respectivamente, os locais escolhidos para o acesso à internet, com 58% e 35%. Seguido em terceiro lugar de “casa de amigos e parentes” (31%), trabalho (27%) e “locais públicos gratuitos” (13%). A pesquisa revela ainda que os serviços mais consumidos são os Portais, Buscadores e *Meber Communities* (1° lugar); Telecom e Serviços de Internet (2° lugar); Entretenimento (3° lugar); Computadores e Hardware (4° lugar); *Notícias e Informação* (5° lugar); e-Commerce (6° lugar); Finanças, Seguros e Investimentos (7° lugar); Governo e entidades sem fins lucrativos (ONGs) em oitavo lugar e *Educação e Carreira* aparece em décimo.

O crescimento do uso da internet, entre vários aspectos, se dá desde em razão das inovações constantes como a superação da conexão discada pela banda larga, a quantidade de celulares ativos ao hábito do consumo on-line. Em 2008 e 2009 nas regiões metropolitanas mais da metade das pessoas com acesso são das classes C, D e E, superando, segundo dados da pesquisa, as classes A e B.

Em relação à busca pela informação, a pesquisa aponta que os usuários se importam mais com a qualidade da informação do que com o lugar onde a encontram na rede. As chamadas *mídias sociais* constituem para a comunicação na rede *mediações* fundamentais para que o usuário interaja com o mundo.

Frente a esse acolhimento socializante das redes sociais, o que se indaga no universo de estudos da comunicação/educação é que tipo de desafio essa realidade de inserção das mídias sociais, das redes de relacionamento representam para a educação? É possível ignorar a presença desta nova forma de expressão comunicativa? No que tange as instituições religiosas, como agir e se apropriar dessas redes de forma a pensar a expansão da comunidade eclesial? Ou mesmo pensar a produção de conteúdos e as formas de expressão construídos através dessas mídias sociais como ferramenta de evangelização.

O predomínio da técnica na tardomodernidade pode significar a concretização dos desejos e aspirações humanas e estes anseios acabam traduzidos pelos sistemas digitais. As tecnologias da informação constituem elementos importantes da economia mundial, penetram o mundo do entretenimento, da organização do trabalho, da educação, da educação à distância interferindo no cotidiano das pessoas. As mídias sociais representam, neste contexto, um novo lugar de relacionamento entre as pessoas e uma outra forma de se relacionar com vários outros

¹³ A “IAB Brasil” é uma entidade sem fins lucrativos que tem como missão incentivar, desenvolver, regulamentar e promover o uso dos meios interativos digitais para ações de comunicação e marketing através: 1) da criação de normas e padrões para o planejamento, criação, compra, venda, veiculação e mensuração de mensagens comerciais; 2) do intercâmbio de experiências e conhecimentos técnicos de seus associados; 3) de pesquisas e estudos que comprovem a eficiência da mídia interativa; 4) da identificação de oportunidades de posicionamento da mídia interativa através de linguagem publicitária para atrair o interesse de anunciantes e profissionais da mídia tradicional. Entende-se por meios interativos a rede mundial de computadores (Internet), a TV Interativa, as plataformas para envio de mensagens comerciais por telefones celulares e aparelhos de mão portáteis (“PDAS”), bem como os novos canais de comunicação que possam surgir com avanço da tecnologia e que permitam a publicação ou envio de mensagens comerciais de características semelhantes às atuais. A IAB Brasil integra uma rede internacional de associações, que conta com representações em mais de 45 países, entre eles EUA, Austrália, Cingapura, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Chile e México. Entre os associados estão Google, Globo.com, R7, Microsoft Advertising, Yahoo, UOL, IG, entre outros. Ver mais em <http://iabbrasil.ning.com/page/sobre-1>

¹⁴ <http://www.iabbrasil.org.br/arquivos/doc/Redes-Sociais-IAB-Brasil-Ibope.pdf>

mundos. O fato é que, em especial, crianças e adolescentes, os chamados *geração z*¹⁵, gostam de conviver com as novas linguagens e os novos modos de produção e transmissão do conhecimento e sentem-se confortáveis em relação ao seu uso, enquanto outras gerações ainda mantêm dúvidas, especialmente se o assunto é a educação formal.

Para alguns educadores não há como deter a tecnologia quando esta assegura a possibilidade de se promover o desenvolvimento da sociabilidade dos educandos. Trata-se de salientar aos jovens que a convivência com o fenômeno das redes sociais, por exemplo, pode ser feito por usuários críticos e atentos as necessidades do modo de produção contemporâneo e suas artimanhas. Ou seja, o mundo digital também reflete as contradições da sociedade contemporânea capitalista e democrática. O filme *A Rede Social* deixa evidente, entre outros argumentos, o sonho americano do primeiro milhão como sedução própria da cultura daquele país incutida na trajetória identitária de alguns jovens de Harvard. Os conflitos decorrentes da competitividade, do consumismo, da rivalidade diante do modelo do que é ser bem sucedido dentro da visão capitalista contemporânea ficam inteiramente visíveis. É interessante notar a um só tempo como o Facebook nasce de um misto de ganância e socialização, abrindo espaço para o exercício do hiperindividualismo característico da sociedade contemporânea. É o pertencimento, muitas vezes, como base do efêmero.

Paixões à parte em relação às novas tecnologias, a representação de Harvard por Zuckerberger e demais colegas só evidencia a capacidade “mutante” do capitalismo em suas versões monopolista, oligopolista e cognitiva (marcado por práticas econômicas relacionadas à produção do conhecimento) e com ela aspectos da descartabilidade das relações humanas, da fuga por vínculos mais duradouros.

Daí a necessidade de visões críticas e, nesse sentido, a educomunicação, sem negar o uso das novas tecnologias, pretende imprimir e aperfeiçoar metodologicamente o uso analítico dessas tecnologias, afastando ufanismos ilusórios e reações imobilistas e desesperançosas, uma vez que a construção horizontal analítico-crítica do conhecimento é uma forma de contribuir com a construção da cidadania.

“Se é verdade que o jovem brasileiro tem sido aquele que mais se identifica com os mecanismos de relacionamento propiciados pela tecnologia digital, cabe à educação apropriar-se do processo, no contexto da nova condição civilizatória” (Soares, 2007, p.8). Quantos aos abusos, nada como uma negociação entre os educadores e os educandos para que se encontre o ponto de equilíbrio.

As tecnologias digitais ampliaram os espaços de comunicação e a educomunicação deve levar em conta o gosto de crianças, jovens e adultos pela experiência *on-line* que, na realidade, não deixa de ser uma prática associada à vocação gregária das pessoas, esta sim conduzindo à formação daquela. Assim, é possível reconhecer o relacionamento virtual como espaço legítimo de produção colaborativa de novas referências para o convívio humano. A tecnologia passa a ser definida pelos serviços que é capaz de prestar às necessidades humanas, como o aprofundamento da convivência e o intercâmbio intelectual e emocional. Para tanto, um tópico indispensável nesse processo é a edificação de regras de convivência com a máquina, num trabalho que movimente toda a comunidade educativa.

Esse trabalho de construção de regras de convivência passa necessariamente pelo sentido de cooperação, um dos princípios básicos das mais atualizadas teorias da educação. No processo que marca a presença da tecnologia no ambiente educacional, importa saber se o que se está constituindo são comunidades conscientes (*conscious communities*), entendidas como

¹⁵ Refere-se a geração que veio na esteira da World Wide Web, mais especificamente, dos anos 1990 em diante. As pessoas desta geração são conhecidas por serem nativas digitais, familiarizadas com o universo web, extremamente conectadas à rede seja por computador, celular, tablets etc.

comunidades que valorizam as necessidades pessoais de crescimento e transformação de seus membros, assim como as necessidades básicas do próprio corpo social. Assim, é primordial a valorização desse modelo pelo sistema educativo (ou educacional), posicionando o professor como mediador das relações entre seus alunos e a máquina.

As comunidades virtuais são a expressão daquilo que as pessoas buscam viver e vivem desde sempre: em comunidades. Acontece que o elemento mediador dessa convivência é a comunicação e o uso de todos os seus meios e linguagens e, especificamente, no caso das comunidades virtuais, as mídias sociais. O caminho da educação propõe a adoção das comunidades virtuais com todos os cuidados e sem temores, adotando uma pedagogia de convívio criativo, crítico, positivo e reflexivo com as novas tecnologias.

Nessa vinculação entre educação e novas tecnologias, o papel do comunicador é múltiplo. Uma produção comunicativa a partir das características dos sujeitos, não dos conteúdos nem dos meios é um dos desafios principais para os comunicadores do século XXI. Desse modo, os comunicadores deveriam desviar sua preocupação dos meios e focalizar mais nos processos ao redor dos meios, nos receptores, nas interações que os mesmos meios possibilitam e os contextos nos quais se realizam estas interações, já que é no contexto que, afinal, nasce o sentido da comunicação e que se pode apreciar a relevância dos aprendizados realizados.

Conforme Orozco (2006), cada nova tecnologia parte de uma experiência anterior que ela incorpora e potencializa. Nesse sentido, a internet não se opõe às experiências anteriores, apenas traz novas condições para a comunicação, permitindo uma relação até mais individual e pessoal, num processo de complementação e não de exclusão dos meios.

Considerações finais

A análise sobre a natureza e história conceitual realizada no presente artigo posiciona a educação como um campo emergente com pendores assumidamente ligados a interferência na realidade sociocultural contemporânea e completamente arraigado a pesquisas acadêmicas. Um campo que usufrui de uma autonomia relativa, uma vez que a interdisciplinaridade sinaliza a necessidade que as práticas educacionais têm de estar em permanente construção, revendo a relação ensino-aprendizagem sob a ótica da produção horizontal do conhecimento.

Enquanto teia de relações (ecossistema comunicativo) com ações inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas, a educação precisa ser construída, exige clareza conceitual, planejamento, acompanhamento e avaliação. Não se dá de forma espontânea, descolada de uma concretude de análise e ação. Demanda uma pedagogia voltada para a dialogicidade educacional, de modo que os envolvidos não tenham condições apenas de ler criticamente o universo dos meios de comunicação, mas também de promover as próprias formas de expressão, construindo espaços de cidadania. A educação pede, portanto, a quebra de relações verticalistas estabelecidas na comunicação entre emissão e recepção e, no que tange a educação, pressiona grupos resistentes à mudança, com temor justificável frente ao desconhecido das novas linguagens, usos e hábitos que as tecnologias provocam na relação educador-educando. Além disso, a educação através das práticas educacionais convida ao “aprender fazendo”, de Celestión Freinet, a uma pedagogia criativa, produtora e mobilizante.

Convivência saudável e a busca pela formação de pessoas que possam transformar seu entorno é a grande meta do projeto educacional. Mesmo que para muitos este

posicionamento seja um devaneio é justamente o que se crê ser devaneio que alimenta o projeto educ comunicativo, uma vez que se trata de uma resistência ao imobilismo e a desesperança. Modos de educação individualistas, marcadas por ambientes rivalistas, pela competitividade não faz mais que classificar pessoas, tornando natural e legitimando ecossistemas comunicativos austeros, contra os quais o próprio jovem se recusa e nega vivenciar.

O desafio, portanto, que o ecossistema comunicativo (teia de relações representativa de um espaço de convivência e de ação comunicativa integrada) coloca para a educação não se resume apenas à apropriação de um conjunto de dispositivos tecnológicos (tecnologias da educação) mas aponta para a emergência de uma nova ambiência cultural, reflexo da própria linguagem, escrita, representação e narrativa contidos naquele ambiente educ comunicativo capazes de alterar a percepção dos sujeitos envolvidos.

Pelo exposto até aqui, compreendemos que instituições religiosas podem, a partir das reflexões apresentadas, pensar em aplicar a ambiência educ comunicativa em seus espaços de ação comunitária ou mesmo em suas escolas bíblicas e projetos que envolvam a discussão pedagógica. Alguns dos projetos apresentados e aplicados pelo NCE-USP podem ser pontos de partida para outras idéias, inaugurando espaços culturais, espaços de expressão no universo eclesial e estimulando a produção horizontal do conhecimento.

Referências Bibliográficas

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação:** contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educ comunicativa. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Ano XII, n.1, jan/abr 2007.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (19) : 12 a 24, set./dez. 2000.

OROZCO, Guillermo Gómez. Os meios de comunicação de massa na era da internet.

Comunicação & Educação. São Paulo. Ano XI, número 3, set/dez 2006.